

94

Madeireiros do Pará estão em confronto

BELÉM — A Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Pará e Amapá (Aimex) vai se reunir na próxima semana, em Belém, para decidir o que fazer quanto à manifestação de um grupo de militantes do Greenpeace no Brasil. Na terça-feira (17) os ambientalistas ocuparam por mais de uma hora a madeireira Maginco, em Rio Maria, sul do Pará. A ação foi um protesto contra a extração de mogno na região. A Maginco é do empresário Danilo Remor, presidente da Aimex e vice-presidente da Federação das Indústrias do Pará (Fiepa).

O empresário disse que sua empresa foi invadida e só não aconteceu um incidente porque seu irmão Darcy não aceitou as provocações dos militantes do Greenpeace. Para Remor, "aquilo foi uma palhaçada". Ele já enviou mensagens a cerca de 40 autoridades, inclusive aos ministros de Meio Ambiente, da Justiça e ao governador do Pará, denunciando o ocorrido. O presidente da Aimex afirmou que, ao contrário do que diz o Greenpeace, as indústrias madeireiras não são responsáveis pela devastação da Amazônia. "Fazemos uma extração seletiva do mogno, aproveitando a espécie adulta, que fatalmente seria queimada", explicou Remor. Segundo o empresário, existem estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) que mostram que o mogno não está em extinção e que muitas madeireiras estão fazendo o replantio da espécie.

Remor disse que sua empresa tem três áreas de manejo sustentado, com 30 mil hectares, e já plantou um milhão de mudas de mogno. Ele reconhece que o grande problema do replantio é que o mogno demora 30 anos para atingir o ponto de corte. O empresário explicou que, apesar da pressão internacional contra a utilização desta madeira, as exportações se mantêm estáveis. Em 1990 o Pará exportou 93 mil metros cúbicos de mogno e 94 mil em 91. Até setembro deste ano foram exportados 70 mil metros cúbicos.